

Origem e desenvolvimento dos prefixos de- e des- *Origin and development of the prefixes de- and des-*

Alice Pereira Santos*
Instituto Federal de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

Resumo: Este trabalho objetiva resgatar a trajetória de um dos afixos mais produtivos no português atual – o prefixo “des-”. Para tanto, a análise do prefixo “de-” também é requerida, visto que os percursos desses prefixos se entrecruzam em diversos momentos na história da língua. Além de apresentarem semelhanças formais e semânticas, acredita-se que o afixo “de-” esteja na esteira do desenvolvimento do prefixo neolatino “des-”. A fim de levar a cabo esses objetivos, utilizou-se, inicialmente, a base de dados do *Dicionário Houaiss* (2001). Vale destacar que outros dicionários foram utilizados para aferir e complementar essas informações. O artigo discutirá inicialmente o desenvolvimento do prefixo “de-”; em seguida, apresentar-se-ão as propostas etimológicas a respeito do formante “des-”, indicando sua interseção com alguns elementos formativos de origem latina (*de-, dis-* e *ex-*), por meio da comparação de construções vocabulares derivadas com esses prefixos. Posteriormente, serão apresentadas as informações dialetológicas, extraídas dos estudos de Leite de Vasconcellos, dispostos nos volumes de *Revista Lusitana* (1887-1943), com o objetivo de investigar as alternâncias no uso dos prefixos supracitados. Essas etapas são indispensáveis para arquitetar uma proposta etimológica para o prefixo “des-”.

Palavras-chave: Morfologia histórica. Derivação. Prefixos *des-* e *de-*. Etimologia.

Abstract: This work aims to rescue the trajectory of one of the most productive affixes in the contemporary Portuguese - the prefix *des-*. For this purpose, the analysis of the prefix *de-* is also required, since the paths of both prefixes intersect at various periods in the history of the language. As well as presenting formal and semantic similarities, it is believed that this affix is at the base of the development of the prefix *des-*. In order to achieve these objectives, the Houaiss (2001) Dictionary database was initially used. It is worth mentioning that other dictionaries have been used as a way to assess and complement the information. The article will initially discuss the development of the prefix *de-*; then, the etymological propositions of the formant *des-* will be exposed, indicating its intersection with some formative elements from Latin origin (*de-, dis-, ex-*), by comparing derived vocabulary constructions with these prefixes. Subsequently, dialectological information will be presented, as they appear in studies by Leite de Vasconcellos, published in the volumes of *Revista Lusitana* (1887-1943), in an effort to investigate the alternations in the usage of the aforementioned prefixes. These steps are indispensable for devising an etymological proposition for the prefix *des-*.

Keywords: Historical morphology. Derivation. Prefixes *des-*, *de-*. Etymology.

1 INTRODUÇÃO, OBJETIVO E METODOLOGIA

*Professora do Departamento de Humanidades, SCL do Instituto Federal de São Paulo, SP, Brasil; alicesnt@gmail.com

A semelhança formal e semântica dos afixos ‘de-’ e ‘des-’, vista no português atual, levaria a crer que podem apresentar um mesmo étimo. No caso do prefixo ‘de-’, não se encontram dificuldades em postular a sua origem, que surge a partir da “preposição dítica¹ homônima² de uso prepositivo e pospositivo” (Romanelli, 1964: 51) que, por sua vez, proveio do indo-europeu. Já o prefixo “des-”, inovação neolatina, não apresenta origem nem percurso completamente esclarecidos.

O latim clássico contava com diversas preposições que se prestavam a variadas funções e nuances semânticas. A ideia de movimento, por exemplo, podia ser expressa por meio de preposições como “*ab*”, “*ad*”, “*intro*”, “*ex*”, “*de*”. Enquanto “*ad*” expressava movimento de aproximação, “*ab*” denotava distanciamento; “*ex*”, movimento para fora; “*intro*”, para dentro, e “*de*”, movimento de cima para baixo. Desse modo, a distribuição semântica das preposições latinas permitia jogos de linguagem como no discurso Pro Caecina de Cícero: “*Si qui meam familiam de meo fundo deiecerit, ex eo me loco deiecerit; si qui mihi praesto fuerit cum armatis hominibus extra meum fundum et me introire prohibuerit, non ex eo, sed abeo loco me deiecerit. [...]*”³ (Rubio, 1983).

No entanto, com a reorganização sintática do latim, não se reconhecia mais tanta rigidez no emprego de cada uma delas (L. Rubio, 1983), levando ao enfraquecimento de algumas. Em contrapartida, outras tiveram seu uso expandido. Foi o que ocorreu com a preposição “*de*” que passou a englobar o sentido de afastamento, outrora expresso por “*ab*”, preposição que acabou por desaparecer com tal função, ficando restrita ao uso como prefixo. Posteriormente, “*de*” passou a abranger também o que antes era expresso pela preposição “*ex*”.

De acordo com alguns estudiosos, a configuração fonético-fonológica da preposição “*de*” a favoreceria frente a outras, pois possui sílaba aberta, estrutura CV, e ausência de variantes (Neira, 1976: 4). Desta sorte, eliminou as partículas com as quais concorria, passando a assumir as três noções do latim (Machado, 1973). Isso poderia explicar porque se transformou em uma das preposições mais utilizadas nas línguas românicas.

O elemento formativo “*de-*”, por sua vez, designava já em latim *separação*, *afastamento*, *cessação*, *negação* e *intensidade*, podendo também aparecer como reforço para renovar uma forma em desuso (Torrinha, 1945). Em sua passagem para o português, o prefixo conservou todos os significados arrolados acima, todavia, sem possuir a produtividade vista na língua clássica. Supõe-se que, pelo fato de “*de*” ter se confirmado como preposição, seu uso como prefixo tenha perdido vitalidade. Assim, gradativamente, foi suplantado pela forma inovadora “*des-*” em formações no português.

Apesar de ser atualmente um dos prefixos mais requisitados para formações negativas, o percurso de “*des-*” segue ainda obscurecido, suscitando questionamentos acerca de seu étimo. Assim, um dos principais objetivos deste artigo é buscar, no

¹ Mesmo que dítico (refere-se ao momento da enunciação e aos atores do discurso).

² Como se sabe, as preposições, outrora, desempenhavam função adverbial. Segundo Faria (1944, p. 228), devido ao enfraquecimento do valor significativo dos casos, os advérbios tornam-se mais frequentes, culminando no surgimento das preposições.

³ “Se alguém expulsasse minha família de minha terra, me expulsaria a mim mesmo dela; se alguém se apresentasse diante de mim com homens armados, fora de minha terra e me proibisse de entrar (nela), não me expulsaria do interior, mas das proximidades desse lugar [...]” (tradução nossa).

percurso histórico das formações com “des-”, indícios que auxiliem em sua elucidação etimológica. Para isso, apresentar-se-ão as propostas etimológicas pesquisadas a respeito do referido prefixo, indicando seu cruzamento semântico com alguns elementos formativos de origem latina, culminando na intersecção de formações com prefixo “de-”.

O corpus inicial deste estudo constituiu-se dos verbetes do *Dicionário Houaiss* (2001), o qual forneceu as listas de palavras que apresentavam as sequências ‘de-’ e ‘des-’. Desse dicionário também foram extraídas as acepções e datações referentes a cada entrada coletada. Em seguida, os verbetes foram analisados para verificação da existência efetiva do prefixo e para determinar o tipo de formação em questão – prefixação ou parassíntese⁴ –, uma vez que o tipo de construção mostrou-se relevante na seleção dos formativos, nas acepções apresentadas e também na evolução de seus significados (cf. Seção 2.1). Desse modo, foi indispensável pontuar, para este trabalho, o conceito de parassíntese⁵, pois a delimitação desse tipo de formação vocabular incidiu de forma determinante no corpus selecionado, circunscrevendo o conjunto de lexemas a ser analisado.

Para a aferição do corpus, bem como para a complementação das informações faltantes no Houaiss (2001), foram consultados também outros dicionários de língua portuguesa, dos quais vale citar o *Vocabulário português e latino*, Bluteau (1728); *Diccionario da Língua Portuguesa*, Moraes Silva (1789); *Dicionário da Língua Portuguesa*, Aulete (1987) e os dicionários etimológicos de José Pedro Machado (1973) e de Antônio Geraldo da Cunha (1982). Além das consagradas obras lexicográficas em língua portuguesa, também foram fonte de consulta os dicionários de latim e grego, bem como os dicionários das línguas neorromânicas⁶.

Após o levantamento e análise dos dados, foram observadas as transformações morfológicas e alterações semânticas. Como a pesquisa indicou a variação de palavras similares, ora formadas em “de-” ou “des-”, ora em “dis-” ou “ex-”, isso levou à busca por questões relativas à produtividade e à frequência de uso⁷, que serão oportunamente apresentadas para sustentar a análise.

Foi necessário ainda buscar dados a respeito dos dialetos portugueses, considerando-se que o estudo da origem desse prefixo demandava uma análise mais abrangente, incluindo variantes regionais, não apenas o português padrão. Assim, os estudos de Leite Vasconcellos foram imprescindíveis para a pesquisa. Dessa forma,

⁴Prefixação – “desvaler” (des- + valer); Parassíntese “descaudar” (des- + cauda + -ar).

⁵ O conceito adotado é o apresentado em Santos (2016).

⁶ Convém elencar algumas das obras lexicográficas consultadas: *A Greek-English lexicon*, Liddell e Scott (1996); o *Dictionnaire latin-français*, Gaffiot (1934); *Vocabulário latino-português*, Faria (1975); *Novíssimo dicionário latino-português*, Saraiva (1993), *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*, Corominas (1954-1957); *Diccionario de la Real Academia española* (em <http://www.rae.es/rae.html>); *Diccionario clave de la lengua española* (em <http://clave.librosvivos.net/>); *Dizionario etimologico italiano*, Carlo Battisti & Giovanni Alesso (1954); *Dizionario Garzanti di italiano*, Garzanti (2006); *Dictionnaires d'autrefois* (em <http://artfl-project.uchicago.edu/node/17>); *Diccionario da Real Academia galega* (em <http://academia.gal/>), *Diccionariu da Academia de La Lingua Asturiana* (em <http://www.academiadellalingua.com/diccionariu/index.php>), e *Gran Diccionari de la Llengua Catalana* (em <http://www.enciclopedia.cat/diccionaris>).

⁷A frequência, isto é, o número de vezes que determinado verbo apareceu no inventário, foi estimada a partir de pesquisas mecânicas exaustivas de centenas de milhares de palavras, realizadas no site *Google*, considerando apenas as páginas escritas em português.

constituíram-se também como corpus os 38 volumes da *Revista Lusitana*⁸, publicados entre 1887 e 1943.

2 O PREFIXO “DES-”: PROPOSTAS ETIMOLÓGICAS E PERCURSO HISTÓRICO

Encontram-se, nas principais gramáticas históricas, três hipóteses a respeito do desenvolvimento do prefixo “des-”:

- (i) de +ex
- (ii) dis- +ex
- (iii) dis-

Para alguns, “des-” teria sido o resultado da junção entre as preposições “de” e “ex” ou da união desta e do prefixo “dis-”; para outros, seria simplesmente a continuação do afixo “dis-” latino.

Nunes (1945) admite duas possibilidades: “[...] tanto pode resultar de *dis-*, como da junção das duas preposições, *de* e *ex-* [...]”. Mas, para Said Ali (1964), “des-” seria romanização do ‘dis-’⁹. Além disso, o autor não concorda com as hipóteses (i) e (ii), argumentando que “Semelhante operação não se fazia em latim culto e é improvável que o latim vulgar, onde justamente o emprego de ‘ex’ como preposição tendia a desaparecer, sentisse a necessidade de agregá-la a outra partícula para constituir prefixo duplo.” (1964, p. 250). Todavia, contrariamente ao que assevera o autor, essa junção é atestada por diversos estudiosos, como Piel (1989), Lang (1977) e Vasconcelos (1896).

Afora isso, sabe-se que as preposições, ao terem sua capacidade semântica enfraquecida, muitas vezes, recorriam a algum tipo de reforço¹⁰, como afirma Viaro (2013, p. 190-191) sobre as preposições: “Quando se tornam demasiadamente ambíguas, costumam reforçar-se por meio da aposição de outras e, se a forma original se desgasta, seu material fônico pode aumentar por meio da gramaticalização de substantivos, advérbios e participios.”

Na *Revista Lusitana*, em seu quarto volume, Vasconcelos (1896) aponta, no falar alentejano, a palavra “dênesde”, a qual seria a combinação dos elementos do latim *de+in+de+ex+de*¹¹. Apesar de o autor afirmar se tratar de vocábulo esdrúxulo, assegura que tal forma também era usada na Estremadura. Para sustentar sua argumentação, o estudioso cita ainda outras combinações de preposições tanto em português quanto em outras línguas românicas: “desde” (*de+ex+dê*), italiano “*davanti*” (*de+ab+antê*) e espanhol “*denante*” (*de+in+antê*).

⁸Revista lusitana, arquivo de estudos philologicos e ethnologicos relativos a Portugal / red. J. Leite de Vasconcellos, 1887-1943. Disponível em <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/etnologia-etnografia-tradicoes.html>.

⁹ Rio-Torto (2013) também sustenta que seja esta a procedência do prefixo “des-”.

¹⁰ Ademais, o enfraquecimento dos traços semânticos pode ter levado os prefixos a se organizarem de outro modo. Segundo Viaro (1994), o prefixo “ex-” passou a ser insuficiente para delimitar alguns significados, sendo necessário o reforço **de-ex-* para marcar, de forma mais clara, o valor de transformação, por exemplo.

¹¹ Vasconcelos assevera que não se poderia admitir a combinação apenas entre *de+ in + ex + de*, pois ocorreria síncope do *n*, (1896, p. 229).

Seguindo a linha de pensamento de Nunes (1945), Ferreiro (1997), na *Gramática histórica galega*, apesar de mostrar preferência pelo étimo “*dis-*”, não deixa de assinalar a provável origem a partir da união entre “*de-*” e “*ex-*”.

Já Câmara Jr. (1976), ao discorrer sobre a prefixação no português, separa os elementos formativos em três grupos, tomando como partida seu uso no latim. Assim, descreve como parte do primeiro grupo aquelas partículas que funcionavam como preposições no latim; do segundo, aquelas que seriam variantes dessas preposições e, finalmente, o terceiro grupo, composto por elementos exclusivamente prefixais desde o latim. Isto posto, o autor classifica o “*des-*” como parte do segundo grupo e afirma ser este a combinação entre as preposições “*de-*” e “*ex-*”, registrando também, em nota, certa confusão com o prefixo latino “*dis-*” com valor de separação.

Passando a outras línguas românicas, encontra-se no Espanhol a informação de que o referido afixo seria “confluência dos prefixos latinos *de-*, *ex-*, *dis-* e às vezes *e-*”¹². De forma semelhante, Penny (1993), na *Gramática Histórica del Español*, defende que “*dis-*” se ampliou, abrangendo os significados ablativo e elativo¹³, presentes em “*de-*”, de forma tal, que passa a concorrer com “*ex-*”, gerando dois prefixos “*des-*” e “*ex-*” de igual valor.

Em Catalão, de acordo com o *Gran Diccionari de la llengua catalana*¹⁴, o “*des-*” proviria do afixo latino “*dis-*”, denotando “*inversió del mot primitiu (desfer), negació (desagair), privació (desprestigiar) i que en alguns casos equival a ‘mal’(desacollir)*”. Grossmann (1994, p. 34) apresenta para esta língua igual etimologia, afirmando que o “*dis-*” apresenta-se nas palavras de origem culta.

Nyrop (1908) também aponta “*dis-*” como étimo dos prefixos franceses ‘*dês-*’ e ‘*dé-*’, os quais figuram como variantes, já que esses afixos se assentaram diante de uma distribuição fonológica clara – “*dés-*”, diante de fone vocálico e “*dé-*” diante fone consonantal, como atesta o exemplário: *désavantage, désordre, déshonnête, débarquer, déloyal, déraison* etc. Contudo, o autor não deixa de indicar a ocorrência de formas duplas como *dépenser* e *dispenser*.

O prefixo “*dis-*” também é apontado como étimo de “*des-*” pelos dicionários romenos consultados, a saber: *Dicționarul explicativ al limbii române*, da Academia Romana (1973), *Dicționarul limbii române* (1966-68) e *Dicționarul explicativ și ilustrat al limbii române* (2001) E, a exemplo do que ocorre nas línguas acima citadas, também em romeno pode-se constatar a ocorrência de variantes deste prefixo, sendo “*de-*”; “*dis-*” e “*dez-*”, condicionadas por critérios fonológicos¹⁵.

Diante desse quadro geral do prefixo nas línguas românicas, verifica-se que, apesar de os estudiosos apontarem um étimo, geralmente “*dis-*”, também registram a possibilidade de outra origem, bem como atestam a existência de variantes e/ou concorrentes de “*des-*” na atribuição de valores de negação/privação.

¹² *Diccionario da Real Academia Española* (<http://www.rae.es>).

¹³ Os dois casos latinos diferenciam pelo fato de o “elativo” expressar afastamento de dentro para fora.

¹⁴ <http://www.enciclopedia.cat>.

¹⁵ *Dicționarul explicativ și ilustrat al limbii române*, o elemento formativo ‘*dis-*’ aparece como autônomo sem referência à variação com ‘*des-*’. Essa mesma obra faz a distinção entre o ‘*dis-*’ latino e o grego.

Sem dúvida, se se tomar os significados de “*dis-*” e aqueles encontrados em “*des-*” e, somando-se a isso, a semelhança formal entre esses elementos, seria mais provável filiar o “*des-*” a esse étimo. Contudo, a observação do desenvolvimento dos prefixos latinos em apreço, nas línguas românicas, aponta para uma situação um pouco mais complexa.

Em italiano, por exemplo, não ocorre “*des-*” na língua padrão, aparecendo apenas em dialetos da Itália setentrional (Tekavičić, 1972). Castellani (2000), sendo mais específico, aponta que esta distinção compõe um dos traços mais importantes que diferenciam o dialeto toscano-oriental dos demais dialetos do grupo. Essa é uma indicação bastante considerável, visto que esse dialeto foi o que serviu de base para o italiano padrão (Devoto, 1972). Sendo assim, pode dar pistas sobre a evolução do “*des-*” nas demais línguas neolatinas.

Voltando ao italiano padrão, Tekavičić (1972), ao expor sobre ‘*dis-*’, ‘*di-*’, ‘*de-*’, ‘*es-*’, ‘*š-*’¹⁶ e ‘*s-*’, sustenta que este último seria convergência de ‘*dis-*’ e ‘*ex-*’, apesar de alguns linguistas, como M. L. Wagner (apud Tekavičić, 1972), afirmarem que a etimologia partiria de ‘*de-*’ e ‘*ex-*’. “Nell’evoluzione ulteriore si fondono ‘*dis-*’ e ‘*ex-*’ in un solo prefisso [...]. Il risultato italiano è Il prefisso ‘*s-*’, limitato alla posizione antecorsonantica [...]” (1972,158). Como se pode observar, semelhante ao que ocorre em francês e em romeno, em italiano os prefixos estão em distribuição complementar, sendo o ‘*dis-*’ mais abrangente, uma vez que se une a bases iniciadas por segmentos vocálicos ou consonantais.

Apesar de os prefixos serem praticamente equivalentes, o que levaria a extinção de um deles, o autor argumenta que o fato de ‘*dis-*’ ter mais corpo fônico e de ‘*s-*’ apresentar outros significados, como o pejorativo, por exemplo, acaba por determinar a manutenção de ambos. Rohlfs (1969) explica que em alguns casos utiliza-se ‘*dis-*’ por já se ter perdido a noção de *privação* de ‘*s-*’, assim, *sfiorare* (*tocar a flor*) *disfiorare* (*cortar/tirar a flor*). Contudo, também é possível encontrar as duas formas com o mesmo significado (*sbarcare/disbarcare; sbrigare/disbrigare; sconfortare/disconfortare*).

Esse último dado remete para a outra razão que faz refletir sobre a origem controversa de ‘*des-*’. Trata-se do consabido fenômeno de concorrência¹⁷ entre este prefixo e ‘*es-*’¹⁸, recorrente em quase todas as línguas e dialetos da Península Ibérica e, como se viu acima, com os elementos ‘*s-*’ e ‘*dis-*’ em italiano.

A esse respeito, Cruz (1993), ao tratar sobre a instabilidade de ‘*a-*’ e ‘*d-*’ em início de palavra em espanhol palmera¹⁹, argumenta a favor da existência de um só prefixo, mas com alterações fonológicas condicionadas. O autor, inicialmente, alude à instabilidade de ‘*d-*’ como continuação da confusão entre ‘*ex-*’ e ‘*des-*’, que teria

¹⁶ O autor ressalta que atualmente não se percebe como prefixo e que seria reflexo da contaminação de ‘*dis-*’ e ‘*ex-*’.

¹⁷ Como se viu, o fenômeno é panromânico e parece pancrônico, já que não foi resolvido desde o latim vulgar.

¹⁸ A concorrência entre esses elementos permitiu que houvesse a concomitância de duas formas semelhantes, assim como atestam diversos dicionários antigos e os da atualidade que ainda certificam a coexistência dessas formações (*desperdiçado, esperdiçado; desminçado, esminçado; despedaçar, espedaçado; desfarelar, esfarelar* (DHLP).

¹⁹ O artigo trata do desaparecimento de *d-* e *a-* iniciais como um dos fenômenos que mais caracterizam o espanhol “vulgar” falado em Palmera, província de Valência.

ocorrido desde o início do idioma. O autor chama atenção para o fato de o fenômeno ser bastante frequente na fala palmera, sobretudo nos meios menos cultos da sociedade.

Cruz (1993) divide os significados do prefixo em três grupos:

- 1 negação;
- 2 inversão;
- 3 privação, manifestando-se por:
 - A) privar um corpo animal de alguma das partes que a compõem e por
 - B) privar ou despojar uma planta de qualquer das partes que a compõem.

O propósito da divisão sugere que o apagamento de ‘d-’ esteja distribuído semanticamente, visto que o autor afirma não haver subtração do som nos casos de negação; inversão e de privação B²⁰, sendo quase geral o apagamento nas palavras do tipo privação A (*esmochar, desmochar, esñuncar, desnucar, esplumar, desplumar, estripar, destripar*).

Contrariamente ao que pensa Cruz (1993), Neira (1969) assevera que não se trata de confusão do uso entre os prefixos, tão pouco que haja nesta língua apenas um prefixo, sendo possível reconhecer perfeitamente ‘es-’ e ‘des-’. Este estudioso ressalta a necessidade de se pesquisar a língua padrão e as falas dialetais, atentando para não tomar o espanhol como norma. O estudioso julga ser equivocado o pensamento de que os formantes lexicais tenham sofrido confusão na fala popular, argumentando que esta, em qualquer nível, tende a se estruturar de forma mais clara e simples.

Em outro artigo no qual trata dos afixos ‘es-’ e ‘des-’ em galego-português, Neira (1976) pondera que não é suficiente descobrir o verdadeiro étimo de ‘des-’, mas sim verificar como se estabeleciam as relações para distinções e uso desses prefixos latinos, pois, segundo o autor, esse foi o sistema adotado inicialmente pelas línguas românicas.

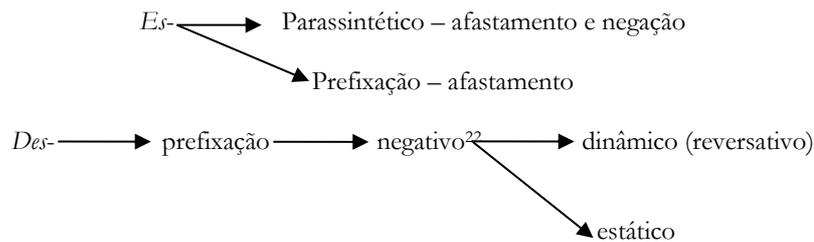
Ainda de acordo com Neira (1976), há dois tipos de formações com o prefixo ‘des-’ em espanhol – os parassintéticos e não parassintéticos, dando como exemplo para o primeiro caso, as palavras *desterrar, desfolhar, despedaçar*, indicando a mudança de categoria em relação à base; para o segundo, traz as palavras *fazer, desfazer, enterrar, desenterrar, necessário, desnecessário*, afirmando que tanto a palavra base quanto a derivada pertencem à mesma classe gramatical, ocorrendo assim apenas a oposição semântica.

Neira (1976) retoma a situação das preposições e prefixos no latim para tentar explicar a evolução ocorrida nas línguas românicas. Desse modo, o autor lembra que, em latim, as formas ‘ab-’, ‘de-’ e ‘ex-’ eram usadas para expressar afastamento e o que os distinguiu dentro dessa noção era a referência com uma interioridade, em oposição ‘a’, ‘ad-’ e ‘in-’. Entre esses prefixos, o percurso de “de-” interessa, sobretudo, no esclarecimento do afixo em estudo. Uma das mudanças que devem ser assinaladas está o fato de as formações em “de-” serem interpretadas como palavras primitivas, uma vez que esse formativo teve sua função prefixadora enfraquecida.

²⁰ Há ainda uma ressalva feita a respeito do grupo B, já que se a palavra estiver ligada ao cultivo no pântano não ocorre o apagamento, isso porque, de acordo com o estudioso, o cultivo nesses sítios foi incorporado mais tardiamente, sendo o seu vocabulário menos vulgar, o que explicaria assim a manutenção da consoante.

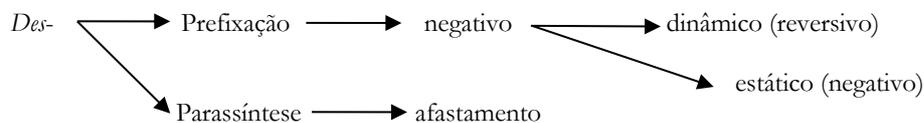
2.1 O prefixo no galego-português – hipóteses

No galego-português, teriam sobrevivido dois prefixos com a noção de afastamento: ‘des-’ e ‘es-’. Este com valor de afastamento, nas parassínteses, e nunca com valor de negação na prefixação, juntando-se a bases nominais para formar unidades verbais. Já aquele, com valor negativo, Neira (1976) divide em dinâmico e estático, explicando que, no primeiro caso, haveria um valor reversivo (*desfazer*) e, no segundo, seria uma negação simples²¹ (*desleal*). Desta forma, esses prefixos teriam a seguinte distribuição:



Quadro 1 – Divisão dos valores semânticos e sua formação lexical (momento 1).

O autor argumenta que o ‘des-’, fruto da reinterpretação de um ‘de-’, pode ter conservado o valor de afastamento, operando em estruturas parassintéticas, sem que isso modificasse o antigo sistema de oposição ‘des-’ e ‘es-’, como visto acima. Assim, essa distinção continua viva em muitas palavras, mas em outras há apenas o significante ‘des-’. Desse modo, em um segundo estágio, o valor de afastamento também seria atribuído pelo ‘des-’, como se pode ver a seguir:



Quadro 2 – Divisão dos valores semânticos e sua formação lexical (momento 2).

Esse sistema teria sido o mesmo para as demais línguas românicas da península e só teria se modificado séculos mais tarde, tendo cada língua resolvido e assentado o seus usos²³.

Considerando as hipóteses em que se propõem a junção de dois prefixos/preposições, seja ‘de-’ e ‘ex-’, seja ‘dis-’ e ‘ex-’, seria preciso considerar que essa transformação tivesse se consolidado já em latim vulgar, uma vez que o toscano-oriental conservou daí o ‘e’ átono de partículas, como os pronomes (*me, te, se* etc); as preposições (*de, en*) e os prefixos, entre eles o ‘des-’ (Castellani, 2000).

Contudo, para explicar a oscilação entre ‘es-’ e ‘des-’, verificada em boa parte das línguas aqui citadas, tem-se que admitir que, embora essa transformação já estivesse estabilizada no latim vulgar, o prefixo ‘es-’, com os valores de afastamento e

²¹ A partir de substantivos, adjetivos, verbo e advérbios.

²² Assim, a diferença entre esses traços poderia ser representada pelas paráfrases “*desfazer x*” e “*não tem x*”, respectivamente, podendo unir-se a substantivos, adjetivos, verbos e advérbios.

²³ Além dessa distribuição em relação aos significados e ao tipo de formação, há também que se considerar as possíveis preferências fonético-fonológicas, como no caso das palavras *escarnação* e *descarnamento* – ambos sem datação e com o mesmo significado. Todavia, há *escarnar* (séc. XIV) e *descarnar* (1539). Como se verá a seguir, essa oscilação ocorre em diversas formações verbais.

de negação, ainda continuou atuante, tendo sido passado às línguas românicas com esse status, diferentemente do que ocorreu com o ‘de-’. Além disso, o apagamento das fronteiras entre os prefixos também explicaria a concorrência entre eles.

Assim, a estabilização de algumas formas com única função, sendo ex-/es- apenas prefixal e de apenas preposicional pode ter contribuído para a evolução de ‘des-’ em português. Assim, ‘de-’ tendo perdido seu status de prefixo, teria ficado mais suscetível à reanálise²⁴. Outra questão a ser considerada é a dissimilação de ‘dis-’ frente a vocábulos com *i* inicial (Corominas, 1954-1957).

Analisando as palavras no dicionário, vê-se que algumas hoje grafadas com ‘des-’ provêm do ‘dis-’ latino, outras vêm do ‘ex-/es-’ tendo ocorrido apenas a troca de prefixos. Esse fato deixa claro que, para o estudo desses prefixos, é preciso considerar vários níveis de análise linguística e contar com a atuação de diversos fenômenos ao longo do tempo.

2.2 Influências do prefixo *dis-*

Com o objetivo de verificar os processos envolvidos no desenvolvimento de ‘des-’, citam-se alguns exemplos de vocábulos provindos do prefixo ‘dis-’ latino²⁵.

Descalçar (Séc. XIII) – lat. *dis*calcĕo,as,ā *vi,ātum,āre* < lat. *calcĕo* ou *calĕo,as,āvi,ātum,āre* “calçar, meter os pés no calçado”, do lat. *calcĕus,i* “calçado, sapato”.

A palavra foi passada ao português com o mesmo valor semântico “*tirar o que veste os pés ou as mãos*”. Sendo assim, ‘des-’ neste caso possui valor de afastamento. A alteração da vogal inicial é um indicativo de que o vocábulo entrou em português por meio do francês (*déchausser*). Do mesmo modo, tem-se ‘des-’ em espanhol (*descalzo*) e em catalão (*descalçar*).

Utilizando o mesmo raciocínio, pode-se afirmar que a palavra **desapontar** tenha entrado em português por meio do francês (fr. *desappointer*), e não a partir do inglês *disappoint* e, por consequência, as palavras derivadas aparecem também com ‘des-’: *desapontamento* e *desapontado*, e não ‘dis-’ como as formas em inglês apontadas pelo Houaiss (2001) como étimo, respectivamente *disappointment* e *disappointed*.

²⁴ Cita-se como exemplo de reanálise o caso das formações em “-(o)dromo” no português do Brasil, quando o formante grego é, na verdade, apenas *-dromo*. A palavra *sambódromo* (1984), criada por Darci Ribeiro para designar a construção projetada por Oscar Niemeyer, é apontada pelo dicionário Houaiss sob a estrutura *samba* + *-o-* + *-dromo*. Vê-se pelas formações com o mesmo pospositivo *gr.* que designava inicialmente “ação de correr, lugar para corrida, corrida”, que as bases, em sua maioria, continham a vogal temática em *o*, que acaba sendo afetada pelo acento do pospositivo. Citam-se: *acródromo*, *actinódromo*, *aeródromo*, *autódromo*, *axonódromo*, *braquidódromo*, *campilódromo*, *campitódromo*, *cartódromo*, *craspedódromo*, *filódromo*, *hipódromo*, *homódromo*, *monódromo*, *motódromo*, *velódromo*, *xilódromo*. Assim, criou-se também *bumbódromo*, local onde acontecem as apresentações de Bumba-meu-boi (Festival folclórico de Parintins). Vê-se que houve uma segmentação diferente do morfema inicial, promovido pela frequência em que esse elemento aparece ligado à vogal /o/. Assim, cabe registrar que as formações com o prefixo *de-* eram muito produtivas diante de consoantes, não sendo diferente também para as de bases iniciadas pelo fonema /s-/, com o qual se encontra cerca de 200 registros no Gaffiot.

²⁵ A alternância entre os prefixos *dis-* e *de-* já acontecia em latim, como atesta o verbete do Dicionário Gaffiot – *dissuētudo*, que remete a *dēsuetudo*. Em português, a palavra manteve o mesmo sentido, não havendo, porém, a permanência da forma verbal – *Dessuetude* (s/d) “que caiu em dessuetude, em falta de costume; desusado”.

Também em *despender* verifica-se o étimo em ‘dis-’.

Despender (Séc. XIII)- lat. *dispēndo, is, di, ēnsum, ěre* “empregar, gastar”. Em português, vê-se o mesmo valor semântico “*fazer despesa(s), dispêndio(s); gastar*” e por extensão “*distribuir, espalhar, dar com liberalidade; prodigalizar*”.

Ressalta-se que outras palavras, a esta relacionadas, mantiveram a grafia em ‘dis-’, como é o caso de *dispêndio* (*aquilo que se gasta, se consome; gasto, consumo, despesa*); *dispendioso* (*que exige muito dispêndio de dinheiro; que dá despesa; caro*).

Essa alteração em relação à origem acaba por refletir também na variação, vista em português das palavras *despesa* e *dispensa*, quando designam “local em que se guardam mantimentos”.

Dispensa (Séc. XIII) – lat. tar. *dispensa, ae* “o necessário para a manutenção e conservação de alguém, víveres, provisões, despesa”, por extensão “lugar em que se guardam os mantimentos”.

Entre os significados assumidos em português, está a acepção “mesmo que *despesa*”, para a qual há uma datação diferente da expressa na entrada do verbete.

1557 – “*divisão da casa, armário ou construção separada em que ficam os mantimentos, as provisões alimentares de uso doméstico e objetos ligados à manutenção dos moradores da casa, conjunto de provisões alimentícias ali guardadas, lugar onde se depositam móveis e objetos vários*”.

Dispensa (1683) – lat. tar. *dispensa, ae* substantivo do feminino do particípio passado do verbo *dispēndere* “empregar, gastar, despender”.

Em português, veem-se significados bastante diversos da origem, podendo significar “*ato ou efeito de dispensar; desobrigação, isenção da norma, da regra geral, licença, permissão para não executar um dever, um trabalho, fato de ser ou de ter sido dispensado de algo, rescisão do contrato de trabalho do empregado por parte do empregador; demissão*”.

Analisando as acepções, observa-se que para o significado de “*local em que se guardam mantimentos*” a datação é a mesma: 1557²⁶. No entanto, a forma *despesa* está datada já no século XIII. A mudança de sentido em relação ao valor contido na origem da palavra, no caso de *dispensa*, deve ser compreendida levando-se em conta a extensão de sentido do vocábulo.

Com origem em ‘dis-’, também se pode citar *descobrir* < lat. *discooperĭo, is, perŭi, pĕrtum, perĭre* “descobrir, tirar a cobertura”. Neste caso, observa-se que a formação seja apenas prefixal, uma vez que havia em latim *cooperĭo, is*, “cobrir bem, ocultar”.

Em outros casos, a prefixação, associada aos fenômenos comuns, no latim, a esse processo derivativo, geram paronímia. É o que mostram os casos das palavras *dessecar* e *dissecar*.

Dessecar (1331) < lat. *desĭcco, as, āvi, ātum, āre* “secar, esgotar”.

Em português, o verbo manteve a mesma acepção “retirar completamente a umidade, enxugar”. Nesse caso, a raiz latina sobre a qual se prefixa o “*de-*” é *sĭcco* que já apresentava em latim a mesma acepção, indicando que o referido formante lexical não contribui semanticamente com a formação. No entanto, a prefixação provoca a

²⁶ Isso mostra que nem sempre a datação dada na entrada do verbete se refere a mais antiga do lexema.

apofonia que aproxima esse vocábulo a *dissecar*. Palavra cujo sentido original manifesta já na base o valor semântico também visto no prefixo “dis-”:

Dissecar (1789) < lat. *dissēco, as, cūi, ctum, cāre* “cortar, dividir ao meio, cortar em pedaços”.

Neste caso a base é *sēco, as* “cortar, recortar; separar cortando; cortar a forragem”. Em português, observa-se que a palavra aparece associada ao campo semântico da anatomia “*seccionar e individualizar, sob determinado método, os elementos anatómicos de um organismo (ser humano, animal ou vegetal); anatomizar*”.

Deve-se salientar que em todos os casos arrolados acima, em que o prefixo etimológico é ‘dis-’, o tipo de construção é sempre o mesmo – prefixação. Essa observação é importante no estabelecimento do comportamento dos prefixos e seu desenvolvimento em português.

O prefixo ‘dis-’ latino sofre alteração fonológica ao se associar a algumas consoantes (Romanelli, 1964, p. 51-52), transformando-se em *dī-*, frente a oclusivas sonoras *b, d, g*, e líquidas *l, m, n* e *r*: *dībuccino, dīduco, dīgredior, dīluo, dīmitto, dīnumero* e *dīrigo*; diante de vogal ou *h* ocorre rotacismo, modificando-se para *dir-*, *diribeo* (< *dis-habeo*) *dirimo* (< *dis-emo*); sofre assimilação total diante de palavras com *f* (**dif-**) *differo, diffido, diffundo*. O prefixo latino também se altera quando se liga a palavras com *s* impuro (*sc-, ç- e st-*), passando para *dī-*, *discindo, dispicio* e *distringo*.

Devido às alterações que este prefixo sofre, ele acaba se confundindo formalmente com o grego ‘dís-’²⁷, que significa “duas vezes”, como em *diarquia* “poder exercido por dois soberanos”, *dicéfalo* “que tem duas cabeças”, *dígrafo* “duas letras”.

Diferentemente do prefixo ‘dis-’, ‘des-’ não sofre modificações, associando-se constituintes iniciados por sons vocálicos e consonantais (Santos, 2016). A grande alternância de ‘dis-’ é muitas vezes apontada como umas das razões que o fizeram perder a produtividade em português, já que o elemento formativo ‘des-’ comporta-se de modo mais regular.

Como se atestou acima, as palavras citadas eram todas formadas por prefixação. O mesmo tipo de formação foi observado em quase todas as outras palavras em ‘dis-’, latino, constantes no Dicionário Houaiss (2001).

As construções que poderiam ser consideradas como formações parassintéticas, pois contam com, pelo menos, três elementos formativos em sua constituição são, na verdade, exemplo dos prefixos gregos, *dús-* > ²*dīs-* ou *dís-* > ¹*dī-*, como em: *disfótico* (< ²*dīs-* + *foto(o)-* + *-ico*), *discromatoso* (< ²*dīs-* + *cromat(o)-* + *-oso/ô/*), *disidrose* (< ²*dīs-* + *hidro(s)-* + *-ose*), *discondroplasia* (< ²*dīs-* + *-condro* + *-plasia*), e *dispermatismo* (< ²*dīs-* + *-sperm(at)-* + *-177ço*), *diperientado* (< ¹*dī-* + *perianto* + *-ado*), *dissilicano* (< ¹*dī-* + *silic(i/o)-* + *-ano*), *dizóico* (< ¹*dī-* + *zo(o)-* + *-177ço*) e *diteísmo* (< ¹*dī-* +

²⁷ Ao analisar as formações em *dīs-* registradas no DHLP, nota-se um grande número de palavras oriundas do grego *dús-* com valor semântico de *dificuldade e perturbação* como em *dispinéia* “dificuldade de respirar” e *dispepsia* “dificuldade de digestão”. O prefixo grego também admite os significados de *enfraquecimento* *distaxia*, “dificuldade de coordenação dos movimentos voluntários”, *disopia* “imperfeição de visão” e *falta, privação*, valor que o aproxima do *dīs-* latino *dissimetria* “falta de simetria” e *disbulia* “incapacidade de tomar decisões voluntárias”.

te(o)- + *-ismo*). Interessa salientar ainda que, a rigor, nem todas as formações citadas são, de fato, parassíntese, tomado os critérios aqui considerados para o estabelecimento deste tipo de formação. Além disso, percebe-se que as formações são todas relacionadas a termos técnicos.

2.3 Influências do prefixo *ex-/es-*

A partir do prefixo ‘*ex-*’ também se pode extrair a origem de algumas palavras atualmente grafadas com ‘*des-*’. A palavra *despir* (Século XIV), “*tirar do corpo (parte do vestuário ou peça dele)*”, prende-se à *expēdio, ire*, cujo primeiro sentido também se pode verificar em português: “*tirar (o que está calçado); descalçar(-se)*”. Esse também é mesmo étimo da palavra *expedir* (século XV), “*remeter (algo) para (alguém ou algum lugar); destinar, despachar*”. Nas línguas neolatinas, como italiano (*spedire*), espanhol (*expedir*) e francês (*expédier*), encontra-se apenas o significado referente a “*despachar, enviar, mandar*”.

Desse modo, um mesmo étimo latino gerou, em português, duas palavras, uma com ‘*des-*’ e outra com ‘*ex-*’ cujas acepções já estavam presentes em latim. Deve-se ressaltar, porém que, provavelmente, a palavra *despir* tenha entrado na língua portuguesa por via popular, já que houve a troca de prefixo ‘*ex-*’ por ‘*des-*’, bem como a ocorrência de síncope do *d*, fenômeno bastante comum nas transformações do latim para o português.

Todos esses casos mostram que a evolução de ‘*des-*’ além de ser ligada morfo-semanticamente aos formantes derivacionais ‘*ex-*’ e ‘*de-*’, como atestam vários estudiosos, também se prende a ‘*dis-*’, por meio da alteração desses prefixos, provavelmente, motivada pela proximidade formal e também semântica desses elementos formativos, o que reforça a ideia de o prefixo neolatino ser resultado de transformações multifatoriais.

O fato de ‘*des-*’ ter prevalecido frente a ‘*es-*’²⁸ no português deve-se não só a questões como estrutura da sílaba (CVC) e às poucas restrições fonológicas, mas também morfológicas, já que ‘*des-*’ atua em bases substantivas, verbais e adjetivas.

É oportuno neste momento examinar com mais vagar as formas duplas em português, ou seja, palavras prefixadas ora com ‘*es-*’ ora com ‘*des-*’²⁹. Assim como trazem diversos dicionários, a oscilação entre esses prefixos no português arcaico era bastante comum, o que permite dizer que os significados que ambos atribuíam àquelas palavras eram idênticos. Entre esses casos podem-se citar:

Despertar x Espertar – Ambas as palavras são datadas no século XIII.

O fato de as variantes serem registradas tão cedo na língua portuguesa parece ratificar que a concorrência entre os prefixos é mais antiga, remontando ao galego-português, validando, assim, o que afirmava Neira (1976). Atualmente, o vocábulo com ‘*des-*’ é bem mais frequente, contando com 40.000.000 ocorrências e sua

²⁸ Pereira (2000) afirma que o prefixo “*es-*” parece desfrutar de alguma produtividade ainda que limitada. Já sua forma culta, “*ex-*”, apesar de ainda produtiva na língua, atua, principalmente, na atribuição de um valor negativo em relação a um estado/momento anterior, verificado em *ex-mulher*; *ex-presidiário*; *ex-chefe*; *ex-presidente* etc, um pouco diferente dos valores que o aproximavam dos afixos “*de-*”, “*des-*” e “*dis-*”.

²⁹ A duplicidade, vista na linguagem informal, entre as palavras *esbagaçado* x *desbagaçado*, parece não indicar apenas variação entre os prefixos, já que em *desbagaçou* nota-se o traço de intensidade, designando algo que foi “completamente destroçado”.

variante, 210.000. Contudo, sua origem aponta para o prefixo ‘ex-’, a partir da forma participial adjetiva do latim vulgar **expertus* < *experrectus* e este do verbo *expertgisco*. O espanhol não apresenta tal variação, registrando apenas *despertar*, já em galego verificam-se as duas formações. A alternância entre os vocábulos poderia supor um estágio intermediário *-deexpertitare**.

Desperdiçar (1517) X **Esperdiçar** (1561); **Desperdício** (1680) X **esperdício** (s/d).

A alternância verifica-se tanto na forma verbal, *desperdiçar/esperdiçar*, quanto no substantivo *desperdício/esperdício*, havendo um pequeno espaço de tempo em relação à datação nos verbos. Novamente, a palavra com ‘des-’ (5.650.000 ocorrências) é muito mais frequente do que a formação em ‘es-’ (6810 ocorrências). De modo semelhante, a variação entre os prefixos podia levar a crer que tal fenômeno se devesse ao fato de ser ‘ex-’ o prefixo de origem. No entanto, de acordo com as informações encontradas nos dicionários Houaiss (2001) e Corominas (1992), o étimo remete para ‘dis-’ – *disperditio* < *disperdere*. A mudança pode ser explicada pelo fato de a palavra ter entrado no português via espanhol, em que apenas o vocábulo com ‘des-’ é encontrado³⁰.

Desposar (século XIII) X **esposar** (1124)

Cada vocábulo acaba desenvolvendo novos significados, mas o sentido primeiro é o mesmo de “casar-se”, “contrair matrimônio”. Nenhuma das formas conta com grande frequência de uso, contudo é possível verificar que a forma em ‘es-’ aparece com um pouco mais de ocorrências do que a palavra em ‘des-’. “Esposar” apresenta 217.000 ocorrências e sua variante ocorre 187.000 vezes. As formas aparecem também em galego, mas em asturiano só há *esposar* e em espanhol *desposar*³¹.

Despedaçar (século XIV) X **espedaçar** (século XIII)

É interessante observar que apesar de a forma mais antiga ser *espedaçar* é esta a ser remetida diretamente para a acepção de *despedaçar*, atualmente, bem mais frequente, aparecendo em 237.000 vezes nos sites de busca, enquanto sua variante ocorre em apenas 16.100. Deve-se ressaltar que, neste caso, as palavras são formadas por parassíntese e, de acordo com o Houaiss (2001), sendo construídas em cada caso com prefixo diferente. Mesma explicação verifica-se em galego antigo (*espedaçar/despedaçar*) e espanhol (*espedazar/despedazar*), línguas em que a variação também está presente.

Igual processo derivativo – o parassintético – verifica-se em *desbarrancar* e *esbarrancar*. Sendo também idêntico o tratamento lexicográfico dado à relação entre as formas concorrentes. Novamente, o vocábulo em “des-” é bem mais frequente³². Tal variação também pode ser encontrada em galego, contudo, no espanhol reconhece-se apenas a formação em ‘des-’.

Descalavrar (1571) X **escalavrar** (1539)

Neste caso, a forma mais frequente em português é expressa pelo prefixo ‘es-’, ocorrendo 22100 vezes, enquanto *descalavrar*, aparece em apenas 679 dos casos.

³⁰ Já em galego pode-se encontrar ambas as formas.

³¹ Há em espanhol *esposar*, mas apresenta acepção distinta, não sendo, pois, variante.

³² *Desbarrancar* – 104.000 ocorrências e *esbarrancar* – 1820.

Assim, *escalavrar* é dado em remissão direta na acepção da palavra menos frequente. Apesar de essa alternância também ser vista tanto em galego quanto em espanhol, os dicionários Bluteau (1712) e Moraes Silva (1789) não abonam a formação *descalavrar*.³³ Entretanto, diferente do português, no espanhol a formação com o prefixo *des-* é a apontada como padrão, remontando para a etimologia *des-* + *calavera*³⁴ “caveira, crânio”. A acepção encontrada em espanhol e em catalão “ferir a cabeça”, reforça a proposta etimológica. Em português, permanece a noção de ferimento, mas já generalizado “*causar ferimento, dano em algo ou alguém*”.

Desmaiar (século XIII) X esmaiar (século XIV)

Para ambas as formas a etimologia é o francês antigo *esmaier* “espantar-se, desfalecer”. Contudo este não parece ser um caso de alternância dos prefixos, já que não se verifica variantes em nenhum das línguas românicas pesquisadas (spa, cat, ast.). A duplicidade também é registrada pelo dicionário Moraes Silva (1789). Isso pode indicar que a palavra *esmaiar* seja cultismo, vindo diretamente do francês.

3 VARIAÇÃO DE LONGA DATA - LEITE DE VASCONCELOS E OS DIALETOS PORTUGUESES

A alternância entre ‘dis-’ e ‘de-’; a tênue diferença de significados atribuídos pelos prefixos ‘de-’ e ‘ex-’ e a paulatina perda de distinção entre seus valores semânticos no latim vulgar refletem sobre origem e desenvolvimento do prefixo novilatino ‘des-’.

Os dicionários, principalmente, as obras lexicográficas antigas são uma fonte importante para atestar essa dinâmica na construção vocabular com esses elementos formativos. Além desse material, para esta investigação, contou-se também com a ampla pesquisa de Leite de Vasconcelos a respeito dos dialetos portugueses, disposta nos 38 volumes da *Revista Lusitana* (1887-1943).

A pesquisa realizada permitiu recuperar uma série palavras oriundas da variação dialetal, representativas do fenômeno de troca no uso dos formantes lexicais *de-*, *des-*; *ex-* e *de-*, *di(s)*. Afora isso, também possibilitou a verificação de significados bem específicos de dado dialeto ou ainda significados já obliterados pelos dicionários contemporâneos.

Entre os vocábulos representativos dessa variação podem-se citar:

1) *Des-* por *de-* ou *de-* por *des-*:

Fabulário português (Ftp.)- Detrioriar ou destriorar (“deteriorar”) e Desflorar ou deflorar; **Linguagem popular de turquel (Lpt)**- Desmariado ou demasiado; **Falares Alentejanos (Ale.)**- Debandar ou desbandar; **Tradições populares e dialeto penedoso** - Debotar ou desbotar; **Gramática e vocabulário de fr. Pantaleão de Aveiro** - Depor ou despor; **Falares Algarvinos (Alg)**- Desbruchar ou debruçar; demasiado ou demasiado; **Retalhos de um vocabulário (agulhão)** - Destriscar ou derriscar, (“deriscar”); **Dialeto Atalaia** - Desmudar ou demudar.

³³ Em cat. e em ast. há apenas o vocábulo com o prefixo ‘es-’, *escalabrar*.

³⁴ É preciso considerar além da variação dos prefixos, a síncope e a epêntese.

2) Des- por es-/ex-/e-:

Ale. - descadear ou escadear (“quebrar os ramos de pequena árvore”); escaídas ou escaidas (“escadas”); descandola ou escandola (“afronta, ofensa, injúria”); descontorno ou escontorno ou scontorno (“transtorno”); desplecação, desplecar (“explicação, explicar”); desmorcer – esmorecer; descandalizado – escandalizado e descandalizar – escandalizar; **Falares de Vila Real** - desmendar - emendar; **Fpt** - desposto – exposto; **Lpt** - desgadelhar, esgadelhar (“descompor as gadelhas”).

3) Es-/ex-/e- por des-:

Ale - escampado ou descampado; escarar-se ou descarar; esfalecido ou desfalecido; esgraça ou desgraça³⁵; esmastreado ou desmastreado (“fraco”); esnocar ou deslocar; **Fpt** - esconfiar ou desconfiar ; esconfirme ou desconforme; exerdar ou deserdar³⁶; **Lpt** - esborrachar ou desborrachar (“parir”); **Gramática e vocabulário de fr. Pantaleão de Aveiro** -estroço ou destroço.

4) Es- por dis-:

Gramática e vocabulário de fr. Pantaleão de Aveiro - estância ou distância; **Ale.** estribuir ou distribuir.

5) Di-/dis- por de-:

Ale. dipinicar ou depenicar e disbulhar ou debulhar; **Fpt.** discedir ou decidir e discurso ou decurso.

6) Des- por dis-:

Fpt. desparate ou disparate e destância ou distância; **Tradições populares e dialeto penedoso** - desparvar ou disparvar; **Lpt.** discreto ou discreto, desinteria ou disenteria, despansar ou dispensar e despor ou dispor; **Dialeto de Atalaia** - desfarço ou disfarce; disputação ou disputa³⁷; descorrer – discorrer³⁸ e despensar ou dispensar³⁹

7) De- por dis-/di-:

Fpt. delúvio ou dilúvio e deminuir ou diminuir.

8) Dis-/ por des-:

Ale. disfrutar ou desfrutar, disgosto ou desgosto, disgracia ou desgraça, disistir ou desistir, dispeto ou despeito, dispeza ou despesa, disporpoção ou esproporção, disporpositado ou despropositado e disvario ou desvario.

Como já mencionado, a pesquisa também se mostrou produtiva no reconhecimento e resgate de alguns valores semânticos não mais localizados no português atual. Diferenças relevantes de significado entre um dialeto e outro também foram encontradas. Entre esses caos, podem ser apontadas as palavras:

1) Vocabulário açoriano

Destrinçar – “conhecer” - No Houaiss (2001), não há essa significação. A sua formação é apontada pelo dicionário como sendo de origem duvidosa “*lat* **strictiare* ‘apertar, combater de perto, interpretar de perto, discernir’, com pref. *des-*; a

³⁵ Há também *Esgragalhado* – descomposto – *des-* + gargalhado.

³⁶ Contribuição para um dicionário da língua portuguesa arcaica.

³⁷ Textos portugueses antigos.

³⁸ Textos portugueses antigos.

³⁹ Contribuição para um dicionário da língua portuguesa arcaica.

nasalidade proviria do rad. lat. (strinctus por strictus), p.ana. com voc. como tinctus, extinctus etc.; var. palatalizada destrinchar, talvez por infl. de trinchar; f.bist. 1553 destrinçar, 1553 destrigar?

2) Dialetos trasmontanos

Debagar – “malhar o pão”. - O autor comenta que não ouviu senão nesta região. Viria do lat. *baca* e não *bacca*.

Desmaselar – “ferir alguém, deixando transfigurado”.

O Houaiss (2001) também registra esse significado como regionalismo da beira; mas apresenta outro significado – o de “negligenciar, descuidar”.

Desingaçar – “comer uvas sofregamente e por analogia outras frutas” – De engaçó.

1) Linguagem popular valpaços

Desgueiba – “desavença”

Desdentanhado – “um bocado de carne desdentanhado” que foi tirado com os dentes.

Desdentola – “desdentado” - O autor esclarece que “*desdentola*” é um termo utilizado para designar um indivíduo que possui os dentes incisivos superiores grandes e salientes (usado na Beira). Não está registrado no Dicionário Houaiss (2001) há apenas *dentola*, que apresenta mesma significação, o que permite sugerir que o *des-* apresente neste caso valor de reforço.

Desembalagar – “desviar para o lado o entulho que se forma quando se desmorona uma casa”.

2) Dialetos alentejanos

Desplicar – explicar⁴⁰

Desmoitar – estrapolar - O autor anota que a pronúncia seria /dijmoitar/. Está registrada no Houaiss (2001), mas com significados bastante distintos: “*limpar (um terreno) das moitas de plantas ou de mato; arrotear, desbravar, roçar*”; “*aparar, podar (árvores, arbustos etc.)*”; “*tornar (alguém) instruído, culto ou bem-educado, cortês; educar, polir, civilizar*”.

Pode-se citar também o caso do verbo “*desistir*” que, na linguagem popular de Turquel, significa “defecar”⁴¹, mas é descrito no fabulário⁴² português com significado comum ao que se conhece no português atual “renunciar”, aparecendo apenas com alternância da vogal inicial (*disistir, desistir*). De forma semelhante, o adjetivo “*desasado*” aparece com o sentido mais comum - “que não é asado”, já no Baixo Alentejo⁴³, o vocábulo refere-se a alguém “*desajeitado*”. Por fim, cita-se “*desandar*”, que em Vila Real, significa “fugir”, mas sua forma regressiva “*desanda*” designa a “reprimenda, descompostura”, na Serra Santo Antônio, já na linguagem popular de Turquel, encontra-se “*desandança*” que significa “contratempo”.

⁴⁰ Segundo Vasconcelos (1935, Vol. 33, p. 16.) *des* + *explicar*.

⁴¹ O *Dicionário Houaiss* (2001) registra esse significado como informal.

⁴² Conjunto de fábulas de uma região ou país; um dos subtipos dos contos tradicionais.

⁴³ *Fabulário barrosão* (Vasconcelos, 1908, Vol.11, p. 193). Barroso é uma região situada na província de Trás-os-Montes e Alto Douro, no distrito de Vila Real, compreendendo os atuais distritos de Boticas e de Montalegre.

Vê-se que o prefixo *des-*, nos dialetos portugueses, apresenta ainda mais traços, entretanto, na maioria dos casos preserva os sentidos de negação e afastamento, sendo expressos de maneiras diversas, a depender do significado da base.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste artigo, intentou-se delinear o percurso histórico do afixo “des-”. No primeiro momento a tarefa foi realizada por meio de levantamento bibliográfico, abarcando os prefixos latinos “*de-*”, “*dis-*” e “*ex-*”. Utilizou-se também para essa etapa o referencial teórico a respeito do elemento formativo em estudo, englobando a pesquisa em galego, espanhol, catalão, francês, italiano e romeno.

Viu-se na Seção 2.2 que algumas palavras que atualmente possuem o prefixo “des-” eram fruto de uma raiz latina em “*dis-*”, indicando a pertinência desse elemento formativo para a evolução do prefixo “des-”. Já na Seção 2.3, mostrou-se a oscilação entre o uso dos formantes “des-” e “*es-*”, evidenciando um período de concorrência entre esses prefixos. Os dados a respeito da frequência de uso no português do Brasil mostraram que, na maioria dos casos, a forma produzida com o afixo “des-” era a mais usual, confirmando assim a preferência por esse prefixo.

Na Seção 3, apresentaram-se as formações duplas, isto é, as variantes criadas com “des-” ou “*es-*”; “des-” ou “*de-*” e “des-” ou “*dis-*”, verificadas em diversos dialetos portugueses. Afora isso, observou-se que o valor semântico do prefixo “des-” em muitos dialetos sofria alterações significativas em relação às acepções encontradas em dicionário. Em muitos desses exemplos é evidente que os significados arregimentados eram resultado da derivação e extensão de sentido do vocábulo inteiro e não da atuação isolada do prefixo.

As leituras e a análise do comportamento do *formante* em apreço possibilitaram constatar que “des-” constrói-se de forma quase simbiótica em relação aos prefixos acima mencionados, já que todos parecem ter contribuído para o seu surgimento, desenvolvimento e para a expansão de seus valores semânticos.

A recorrente questão sobre a origem do prefixo “des-”, ora sendo filiado à soma dos elementos formativos “*de-*” e “*ex-*” ou “*dis-*” e “*ex-*”, ora sendo atribuída à transformação sofrida pelo formante “*dis-*”, começa a ser respondida. Entretanto, apesar da extensa pesquisa e das informações apuradas com essa análise, a resposta não é conclusiva, já que é necessário pesquisar os valores semânticos de “des-”, contrastando com as informações de datação, para averiguar de que forma e em que medida esses afixos contribuíram e influenciaram em seu desenvolvimento morfossemântico.

REFERÊNCIAS

Academia de la Llingua Asturiana. Gramática de la llingua asturiana. Oviedo: Academia de la llingua asturiana; 2001.

Álvarez R, Monteagudo H, Regueira XL. Gramática galega. Vigo: Galaxia, 6ª Ed.; 1995.

- Badia i Margarit AM. Gramática catalana. Madri: Gredos; 1962.
- Battisti C, Alesso G. Dizionario etimologico italiano. Firenze: Barbera; 1950-1957.
- Bluteau R. Vocabulário português e latino. Lisboa, Officina de Pascoal da Silva; 1720. [citado 17 ago. 2020]. Disponível em: www.ieb.usp.br.
- Brocardo MT, Caetano MC. Para uma morfologia derivacional histórica do português: o prefixo des-. In Englebert, Annick; Michel Pierrard; Laurence Rosier & Dan Van Raemdonck (eds) Actes du XXIIe Congrès international de linguistique et philologie romanes. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, Tome II; 1998, p. 39-47.
- Caldas Aulete. Dicionário da Língua Portuguesa. 5ª Edição. Rio de Janeiro. Editora Delta; 1987. Disponível em : www.auletedigital.com.br. Acessos entre 2012 -2019.
- Câmara Jr JM. História e estrutura da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Padrão; 1979.
- Cange CF. Glossarium ad scriptores Mediae et Infimae Graecitatis duos in tomos digestum; Accedit Appendix ad Glossarium mediae et infimae Latinitatis, caetera subjectus syllabus indicabit. Paris: Collège de France; 1943.
- Cardoso J. Dictionarium latino lusitanicum & vice versa lusitanico latinu[m]: cum adagiorum feré omnium iuxta seriem alphabeticam perutili expositione, ecclesiasticorum etiam vocabulorum interpretatione. Olyssipone : excussit Alexander de Syqueira : expensis Simonis Lopezij, bybliopolae; 1592.
- Corominas J. Breve Diccionario etimológico de la lengua castellana. Madrid, Gredos; 1992.
- Corominas J. Diccionario Crítico Etimológico Castellano Hispánico. Madrid: Gredos; 1954-1957.V.1a V.4.
- Cortelazzo M; Zolli P. Dizionario etimologico della lingua italiana. Bologna: Zanichelli; 1988.
- Cretela Jr J, Cintra GU. Dicionário latino-português São Paulo: Nacional; 1956.
- Cunha AG. Dicionário etimológico da língua portuguesa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira; 1982.
- D'Ovidio F; Meyer-Lübke, W. Grammatica Storica della Lingua e del Dialetti Italiani. Milão: Ulrico Hoepli; 1919.
- De Mauro T. Grande dizionario italiano dell'uso. Torino: UTET; 2000.
- Demonte, V, organizador. Gramática descriptiva de la lengua española. Madrid: Real Academia Española, Espasa Calpe; 1999.
- Diccionari de la llengua catalana 2ª edição. [citado 10 ago. 2019]. Disponível em: <http://dlc.iec.cat/>.
- Diccionario clave de la lengua española. [citado 10 ago. 2019]. Disponível em: <http://clave.librosvivos.net/>.
- Diccionario da língua galega. Real Academia Galega. [citado 10 ago. 2019]. Disponível em: <http://www.edu.xunta.es/diccionarios/index>.
- Diccionario de la lengua española. 23ª. ed. Madrid: Real Academia Española, 2005. [citado 10 ago. 2019]. Disponível em: <http://www.rae.es>.

- Diccionariu de la Academia de la llingua asturiana. [citado 10 ago. 2019]. Disponível em: <http://www.academiadelalingua.com/diccionariu/index.php>.
- Dictionnaire de L'Académie Française. Neuvième édition, version informatisée. [citado 10 ago. 2019]. Disponível em: <http://atilf.atilf.fr/academie9.htm>. Diez F. Grammaire des langues romanes. Paris: A. Franck; 1874. v. 2.
- Dimitriuc. Stîintele limbajului. Gramatica limbii române explicata: morfologia; 1979.
- Dizionario Etimologico de Italiano. Dicionário Etimológico online. [citado 10 ago. 2019]. Disponível em: <http://www.etimo.it/>.
- Dubois J; Lagane R. La nouvelle grammaire du français. Paris: Larousse; 1973.
- Ernout A, Meillet A. Dictionnaire étymologique de la langue latine. Paris: Klincksieck; 1967.
- Faria E. Vocabulário latino-português: significação e história das palavras agrupadas por famílias segundo os programas atuais. Rio de Janeiro: F. Briguiet; 1943.
- Faria E. Dicionário latino-português. Rio de Janeiro: Fename; 1975.
- Ferreira AB de H. Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira; 1986.
- Gaffiot, F. Dictionnaire latin-français. Paris: Hachette; 1934.
- Gran diccionari de la llengua catalana. [citado 10 ago. 2019]. Disponível em: <http://www.enciclopedia.cat/>.
- Grandgent CH. Introduccion al Latin Vulgar. Madrid: Madrid : Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto Miguel de Cervantes; 1952.
- Grossmann M. Opposizioni direzionali e prefissazione: analisi morfologica e semantica dei egressivi prefissati con des- e es- in catalano. Padova: Unipress; 1994.
- Houaiss A, Villar M. Dicionário eletrônico da língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva; 2001.
- Ivanescu G, Istoria limbii române, București; 1980.
- Lapesa R. Historia de la lengua española. Real Academia Española. Colección Nebrija y Bello. 6ª ed. Madri: Espasa Calpe; 2003.
- Liddell HG, Scott R. A Greek-English lexicon, 9ª ed. Oxford: Clarendon Press, 1996.
- Lüdtke H. Historia del léxico románico. Madrid: Gredos; 1974.
- Machado JP. Dicionário etimológico da língua portuguesa. Lisboa: Livros Horizonte; 1973.
- Meyer-Lübke W. Grammaire des langues romanes. Tomo II: Morphologie. Paris: H. Welter Éditeur; 1906. Vol. 2
- Nascentes A. Dicionário etimológico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Acadêmica; 1955.
- Nebrija EA. Gramática Castellana. Madrid: Fundación Antonio de Nebrija; 1992.
- Nunes JJ. Compêndio de Gramática Histórica. Lisboa: Clássica; 1945.
- Nyrop K. Grammaire historique de la langue française. Copenhagen: Gyldendal; 1908. v.3.

- Pena J. La palabra: estructura y procesos morfológicos. *Verba*, 18; 69-128.
- Pereira RAR. Formação de verbos em português: a prefixação com a(d)-, en- e es-. [Dissertação]. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra; 2000.
- Pereira RAR. Verbos prefixados com a(d)-, en- e es- em português: estrutura interna e externa. *Máthesis*, 2002;11:77-94.
- Pidal RM. Orígenes del español: estado lingüístico de la Península Ibérica hasta el siglo XI. Madrid: Hernando; 1929.
- Piel J. Miscelânea de etimologia portuguesa e galega. Coimbra: Coimbra Editora; 1953.
- Poiars P. Diccionario lusitanico latino de nomes próprios de regioens, reinos, províncias, cidades. Lisboa: na officina de Joam da Costa; 1667. V. 1
- Rio-Torto GM. Formação de verbos em português: parassíntese, circunfixação e/ou derivação? In *Actas do IX Encontro Nacional da Associação da Portuguesa*. Colibri, Lisboa; 1994.
- Rio-Torto GM, et al. Gramática Derivacional do Português. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra; 2013.
- Rohlf G. Grammatica storica della lingua italiana e dei suoi dialetti, Morfologia, Torino, Einaudi; 1968.
- Rohlf G. Grammatica storica della lingua italiana e dei suoi dialetti: sintassi e formazione delle parole. Torino: Piccola Biblioteca Einaudi; 1969.
- Rubio L. Introducción a la sintaxis estructural del latín. Barcelona: Ariel; 1983.
- Said Ali M. Gramática Histórica da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos; 1964.
- Santos AP. Morfologia em diacronia - os caminhos e desvios de um afixo na história da língua: o percurso histórico-semântico do prefixo des- em bases sufixadas e em formações parassintéticas. [tese], São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; 2016.
- Silva AM. Diccionario da lingua portugueza - recopilado dos vocabularios impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por Antonio de Moraes Silva. Lisboa: Typographia Lacerdina; 1813. [citado 10 jan. 2020]. Disponível em: <http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/2>.
- Souter A. Glossary of later Latin to 600 A.D. Oxford : Clarendon Press; 1957.
- Tekavičić P. Gramática storica dell' italiano. Bologna: Il mulino; 1980. 3 vol.
- Torrinha F. Dicionário Latino-Português. Porto: Edições Marânus; 1945. 3ª ed.
- Väänänen V. Introducción al Latin Vulgar. Trad. Manuel Carrión. Madrid: Editorial Gredos; 1985.
- Vasconcellos JL. Lições de philologia portuguesa. Lisboa: Livraria Clássica Editora; 1911.
- Vasconcellos JL. Opusculos: Dialectologia. Coimbra: Imprensa da Universidade; 1928. V. 2.
- Vasconcellos JL de. Revista Lusitana. Lisboa: Centro de Estudos filológicos; 1967, V. I-XXXVIII (1887-1943).

Viaro ME. Sobre a origem das preposições ibero-românicas hasta, ata e até. *Estudos de Lingüística Galega*, 2013;5:189-212.

Viaro ME. Das preposições latinas às do português e do romeno: estudo das derivações semânticas. [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; 1994.